



TRADUÇÃO

SELEÇÃO DE POEMAS DE *A ILHA DOS CÂNTICOS*¹, DE MARÍA EUGENIA VAZ FERREIRA

TRADUÇÃO DE BEETHOVEN ALVAREZ

Beethoven Alvarez

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
balvarez@id.uff.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i2.26977>

Recebido em: 31/08/2019

Aceito em: 07/11/2019

Publicado em dezembro de 2019

RESSURREIÇÃO

Quero estirar-me em êxtase beato
ao pé da fonte rítmica do verbo
e escutar em polifona harmonia
o hino espiritual do pensamento,
combinado em fantásticas palavras
que lhe revistam com idioma excelsa
como pedras preciosas, do arco-íris
sob o grande reflexo fulgurantes.

Quero que o nascedouro abra seus lábios
a meu ouvido trêmulo e devoto
e similar à fecundante aurora
regue e fulgue sobre o parque morto
fazendo ressoar as harpas mudas
e perfumando as rosas do desejo.
Quero juntar à boca sonorosa

¹ VAZ FERREIRA, María Eugenia. *La isla de los cánticos*. Prólogo de Esther de Cáceres. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1956. pp. 8, 17, 41, 47-48, 67, 71, 81, 83, 85, 89.

a minha névoa trágica de tédio,
que lhe fustigue a poderosa frase
em meio às ondas diáfanas do verso,
e o alento fresco de benditas chuvas,
sob o raio imortal do sacro fogo,
em cânticos de vida e de esperança
meu coração florescerá de novo.

NOTURNO

Noturna árvore, alma minha,
tão-só minha e solitária...
coberta estás pela neve
de uma noite triste e longa.

Por isso se te balança
alguma amorosa brisa
em vez de manto de flores
cai uma chuva de lágrimas...

TUA ROSA E MEU CORAÇÃO

Antes que entre teu lábio e meu ouvido
o tronco do silêncio, largo e mudo,
ergua a calada rama,
de tua palavra em um cristal sonoro
dá-me vermelha rosa, que será
por teu lirismo e tua carne fragrante
rosa de amor humano e rosa mística.

Vou prendê-la em meu peito
junto da palpitante rosa minha,



e o do perpétuo beijo o frouxo toque
espagirá suas perfumadas ondas...

Hoje,
ébria de aroma me será brindada
a beleza infinita...
e em mi'a larva fugaz quando se apaguem
os harmoniosos êxtases,
me envolverão as perfumadas ondas
em sua mortalha amante e sempreviva.

Dá-me uma rosa... antes
que o tronco largo e mudo, entre nós dois
ergua a calada rama...

O ESQUIFE FLUTUANTE

Minha esperança, sei que tu estás morta.
Não deténs dos que vivem
mais que a instável flutuação perpétua;
não sei se há tempos vigorosa foste,
mas estás morta agora.
Estás rota, quem sabe
quais larvas metafísicas fizeram
entre tua doce carne sua colheita.
Em vão
o leque mágico das asas tuas
com matizadas lufas me bafejam
soltando ao ar perturbadoras chispas.
Eu sei que tu és dessas
que voltam redivivas numa noite
a dizer outra vez último verbo...



Já te vi regressando
branca e piedosa como um santo espírito
sobre o vaivém das ondas do oceano;
já te vi no fulgor lá das estrelas,
e até os contornos de meu corpo calmo
dançam tuas chamas em festivos bailes.
Porém se para dentro volto os olhos
vejo a sombra de tua mácula negra,
olho tua nuvem num vazio grande
pouco a pouco sustendo tua visão;
sem miragem tal qual de fogos-fátuos
vejo a sombra de tua mácula negra.

Não chores porque sei; os olhos meus
sabem viver em lonjuras vazias;
perceba-os secos e tranquilos; anda
e o flutuante esquife assentar deixa
até que junto a ti também deitada,
como boas irmãs, nos abracemos
e outra vez enlaçadas nós durmamos
no sepulcro vivo da terra.²

HOLOCAUSTO

Romperei em tua honra mi'a velha rebeldia
se sabes combater-me a ciência de tua mão,
se manténs a grandeza de um templo soberano
ofertarei meu sangue à tua idolatria.
Naufragará em teus braços a prepotência minha
se tu tens a profunda fruição do oceano,

² Este último verso é um octossílabo na tradução, mesmo que em espanhol seja um decassílabo. Preferi manter a dicção do verso e conjugá-lo numa estrofe polimétrica, já que o próprio poema abre essa possibilidade.



e se sabes o ritmo de um canto sobre-humano
silenciarão mi'as harpas sua eterna melodia.

Me tornarei tua pomba se tua soberba sente
a garra vencedora da águia prepotente;
se sabes ser fecundo serei tua floração,
e brotarei u'a selva de cósmicas entranhas,
cujas selvagens frondes, esquivas e românticas,
ganhará teu império se sabes ser leão.

A RIMA VAZIA

Grito de sapo
chega até mim lá dos charcos noturnos...
a terra está nebulosa e as estrelas
me viraram as costas.

Grito de sapo, cara
da harmonia, sem tom, sem eco algum,
chega até mim dos lá charcos noturnos...

A vaziez do meu profundo tédio
rima com ele o dueto do nada.

VOZ DO RETORNO

Não resta nada ao naufrago; nada mais: nem sequer,
a suave lembrança de um velho sonho em vão,
nem a cansada e frágil asa de uma quimera
que se esfarela em pó se esvaindo entre as mãos.
Passa da meia-noite e a aurora vem chegando,
mas orgulhoso o dia ordena ao sol: "Espera";



quem sem beijá-la aspira à flor da Primavera,
passa como uma sombra pelo jardim humano.

Violetas das campinas em palácio fragrante,
Rosas em altos vasos rubras e perfumadas
que ao passageiro abriram seu misterioso broche;
o naufrago retorna como uma sombra errante,
sem uma só estrela de flâmulas douradas
com que luzir o fundo de sua eterna noite.

IMPROVISO SENTIMENTAL

Deixa hoje te fazer carinho
mesmo que amanhã te esqueça;
a abelha bebe da rosa
e ao ar estende suas asas...

Do mar as ondas azuis
uma vez beijam a praia,
e o zéfiro rumoroso
diz seu segredo... e passa...

Deixa hoje te fazer carinho
mesmo que amanhã me esqueças;
sic-transit, glória do mundo,
sic-transit, com seus fantasmas.

Vem, que o furtivo momento
nos disse doce palavras,
e o que virá noutro dia
quem sabe como se chama...



ÚNICO POEMA

Mas sem nome e sem fronteiras,
sonhei com um mar imenso,
que era infinito e arcano
como são espaço e tempo.

Fabricava-lhe suas ondas,
velha madre dessa vida,
a morte, e elas cessavam
cada vez que renasciam.

Quanto nascer e morrer
dentro da morte imortal!
Jogando de berço a cova
lá estava a solidão...

De pronto um pássaro errante
cruza a extensão marinha;
“Cruuê... cruuê...” repetindo³
sua queixosa sombra ia.

Sepultou-se muito longe
pingando “Cruuê... cruuê...”
Despertei e sobre as ondas
lancei-me a voar outra vez.

³ Trata-se de uma onomatopeia de algum pássaro marinho, que Vaz Ferreira expressou, em espanhol, com “Chojé... chojé...”. O correlato mais próximo seria então “chorré”, com som de xis. Pesquisei então o som dos pássaros marinhos. O graxnado do pelícano algumas vezes é descrito em espanhol como “crué”. Ouvido o som de seu granado, poderia dizer que, onomatopaiicamente, é algo como “cruué”, o que evoca um som mais gutural e vibrado do que o oralizado (palatal) “chorré”.

EMUDECER

Quem não sabe estar alegre
nada tem por que cantar.
Se derrotou-se a si mesmo
o que ensinará?

A fazer dobrar os sinos
com bronzes de funeral,
os enlutados clarins
a ressoar.

Quem não sabe estar alegre
rime a si mesmo seu mal.
Por isso guardo minha flauta,
essa de ambíguo cantar,
e quem me escute, ouça só
meu passo na solidão.

LA ISLA DE LOS CÁNTICOS⁴

MARÍA EUGENÍA VAZ FERREIRA

RESURRECCIÓN⁵

Quiero tenderme en éxtasis beato
cabe la fuente rítmica del verbo
y escuchar en polifona armonía
el himno espiritual del pensamiento,
engarzado en fantásticas palabras
que le revistan con su idioma excelso
como piedras preciosas, fulgurantes

⁴ VAZ FERREIRA, María Eugenia. *La isla de los cánticos*. Prólogo de Esther de Cáceres. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1956.

⁵ Na edição de 1956, “RESURRECCION”.



del arco iris bajo el gran reflejo.
Quiero que el surtidor abra sus labios
junto a mi oído religioso y trémulo
y semejante a la fecunda aurora
riegue y flamee sobre el parque muerto
haciendo resonar las arpas mudas
y aromando las rosas del deseo.
Quiero juntar a la sonante boca
mi nebulosa trágica de tedio,
que la golpee la potente frase
entre las ondas diáfanas del verso,
y a la frescura de benignas lluvias,
bajo el rayo inmortal del sacro fuego,
en cánticos de vida y de esperanza
mi corazón florecerá de nuevo.

NOCTURNO

¡Árbol nocturno, alma mía,
sólo mía y solitaria...
cubierto estás por la nieve
de una noche triste y larga!

Por eso si te sacude
alguna amorosa ráfaga,
en vez de un cendal de flores
cae una lluvia de lágrimas...

TU ROSA Y MI CORAZÓN⁶

Antes que entre tus labios y mi oído

⁶ Na edição de 1956, “CORAZON”.



el ciprés del silencio, largo y mudo,
alce su quieta cima,
de tu palabra en el cristal sonoro
dame una roja rosa, que será
por tu lirismo y tu carne fragante
rosa de amor humano y rosa mística.

La prenderé en mi pecho
sobre la palpitante rosa mía,
y del perpetuo beso el tibio roce
esparcirá sus perfumadas ondas...

Hoy,
ebria de aroma me será brindada
la belleza infinita...
y en mi larva fugaz cuando se apaguen
los armoniosos éxtasis,
me envolverán las perfumadas ondas
en su mortaja amante y siempreviva.

Dame una rosa, antes
que el ciprés largo y mudo, entre nosotros
alce su quieta cima...

EL ATAÚD FLOTANTE⁷

Mi esperanza, yo sé que tú estás muerta.
No tienes de los vivos
más que la instable fluctuación perpetua;
no sé si un tiempo vigorosa fuiste,
ahora, estás muerta.
Te han roído quién sabe

⁷ Na edição de 1956, “ATAUD”.

qué larvas metafísicas que hicieron
entre tu dulce carne su cosecha.

En vano
el mágico abanico de tus alas
con irisadas ráfagas me orea
soltando al aire turbadoras chispas.

Yo sé que tú eres de esas
que vuelven redivivas en la noche
a decir otra vez su última verba...

Ya te he visto venir
blanca y piadosa como un santo espíritu
sobre el vaivén de las marinas ondas;
te he visto en el fulgor de las estrellas,
y hasta los bordes de mi quieta planta
danzan tus llamas en festi vas rondas.

Pero si al interior vuelvo los ojos
veo la sombra de tu mancha negra,
miro tu nebulosa en el vacío
dar poco a poco su visión suspensa;
sin el miraje de los fuegos fatuos
veo la sombra de tu mancha negra.

No llores porque sé; los ojos míos
saben vivir en lontananzas huecas;
míralos secos y tranquilos; márchate
y el flotante ataúd reposar deja
hasta que junto a ti también tendida
nos abracemos como hermanas buenas
y otra vez enlazadas nos durmamos
en el sepulcro vivo de la tierra.



HOLOCAUSTO

Quebrantaré en tu honra mi vieja rebeldía
si sabes combatirme la ciencia de tu mano,⁸
si tienes la grandeza de un templo soberano
ofrendaré mi sangre para tu idolatría.

Naufragará en tus brazos la prepotencia mía
si tienes la profunda fruición del oceano,
y si sabes el ritmo de un canto sobrehumano
silenciarán mis arpas su eterna melodía.

Me volveré paloma si tu soberbia siente
la garra vencedora del águila potente;
si sabes ser fecundo seré tu floración,
y brotaré una selva de cósmicas entrañas,
cuyas salvajes frondas románticas y hurañas
conquistará tu imperio si sabes ser león.

LA RIMA VACUA

Grito de sapo
llega hasta mí de las nocturnas charcas...
la tierra está borrosa y las estrellas
me han vuelto las espaldas.

Grito de sapo, mueca
de la armonía, sin tono, sin eco,
llega hasta mí de las nocturnas charcas...

La vaciedad de mi profundo hastío
rima con él el dúo de la nada.

⁸ Na edição de 1956, “si sabe”.



VOZ DEL RETORNO

Nada le queda al náufrago; ya nada: ni siquiera
la dulce remembranza de un viejo sueño vano,
ni la marchita y frágil ala de una quimera
que al estrecharse deja su polvo entre la mano.
La media noche es tarde y el alba fue temprano,
y el orgulloso día le dijo al sol: "Espera";
quien sin besarla aspira la flor de Primavera,
pasa como una sombra por el jardín humano.

Violetas de los prados en el solar fragante,
rosas de los pensiles rojas y perfumadas
que al pasajero abrieron su misterioso broche;
el náufrago retorna como una sombra errante,
sin una sola estrella de flámulas doradas
con que alumbrar el fondo de su infinita noche.

IMPROMPTU SENTIMENTAL

Déjame que hoy te acaricie
aunque te olvide mañana;
la abeja liba en la rosa
y al aire tiende sus alas...

Del mar las ondas azules
una vez besan la playa,
y el céfiro rumoroso
dice su secreto, y pasa...

Déjame que hoy te acaricie
aunque me olvides mañana;



*sic-transit, gloria del mundo,
sic-transit, con sus fantasmas.*

Ven, que el furtivo momento
nos dice dulces palabras,
y lo que vendrá otro día
quién sabe cómo se llama...

ÚNICO POEMA⁹

Mar sin nombre y sin orillas,
soñé con un mar inmenso,
que era infinito y arcano
como el espacio y los tiempos.

Daba máquina a sus olas,
vieja madre de la vida,
la muerte, y ellas cesaban
a la vez que renacían.

Cuánto nacer y morir
dentro la muerte inmortal!
Jugando a cunas y tumbas
estaba la Soledad...

De pronto un pájaro errante
cruzó la extensión marina;
“Chojé... Chojé...” repitiendo
su quejosa mancha iba.

Sepultóse en lontananza

⁹ Na edição de 1956, “UNICO”.



Goteando “Chojé... Chojé...”

Desperté y sobre las olas

me eché a volar otra vez.

ENMUDECER

Quien no sabe estar alegre

no tiene por qué cantar.

Si se derrotó a sí mismo

¿qué enseñará?

A repicar las campanas

con bronces de funeral,

los enlutados clarines

a resonar.

Quien no sabe estar alegre

rime a sí mismo su mal.

Por eso enfundo mi flauta,

la del ambiguo cantar,

y quien me escuche, oiga sólo

mi paso en la soledad.

BREVE NOTA BIOGRÁFICA DE MARÍA EUGENIA VAZ FERREIRA

María Eugenia Vaz Ferreira (1875-1924) é uma das grandes poetas do Uruguai do primeiro quartil do século XX, integrando a chamada *generación del 900*. Contemporânea de Delmira Agustini, Julio Herrera Reissig e Roberto de las Carreras, é considerada pela crítica como uma “poeta metafísica”; sua poesia é eivada ainda de traços românticos no tratamento subjetivo de alguns temas; cheia de simbolismo na variedade das imagens oníricas e espirituais; e revestida de algum parnasianismo nas palavras e ritmos de certo



grandeur abstrato.¹⁰ Solidão, vaziez e obscuridade são temas presentes em toda sua obra, que somente foi publicada postumamente em 1924, no livro *La isla de los cánticos* (*A ilha dos cânticos*). A morte, o mar e o desejo, erótico muitas vezes, também vazam a obra de María Eugenia, que, segundo Cecília Meirelles, se sentia “fora da vida, tal qual uma ilha”.¹¹ De família de alta classe em Montevidéu, María Eugenia foi ainda pianista e compositora, além de ter escrito peças dramáticas.¹² Desempenha sua obra importante papel no desenvolvimento de uma poesia de visada feminina, no Uruguai e na América Latina.

COMPOSIÇÃO DE A ILHA DOS CÂNTICOS

La isla de los cánticos (*A ilha dos cânticos*) reúne quarenta e um poemas de María Eugenia Vaz Ferreira. Abre-se com o programático *Resurreción* (*Ressurreição*) e se encerra com o eloquente *Enmudecer* (*Emudecer*). María Eugenia acompanha a elaboração do livro e chega a revisar algumas provas, mas vem a falecer antes de sua publicação, que é levada a cabo por seu irmão, Carlos Vaz Ferreira, conhecido acadêmico e filósofo da época. Embora a data de 1924 venha estampada no livro, este só chega a público em 1925. Compõem o volume 21 poemas em redondilhas maiores (*octosílabos*, na métrica castelhana), em formas estróficas variadas; 12 poemas cultivam o *endecasílabo* (nossa decassílabo), quase sempre com acentuações heroica ou sáfica, e em conformações estróficas polimétricas; e 8 são em alexandrinos espanhóis, que são versos compostos por dois hemistíquios de seis sílabas métricas (o que, na verdade, considerando-se a quase invariável cesura grave, significa sete sílabas em cada metade, e quatorze no total), sendo 5 desses sonetos de uma oitava mais um sexteto, com rimas variadas.

¹⁰ Outras informações bibliográficas podem ser encontradas em Costa y Lockhart (1995); Silva (2009, p. 156-157) e Courtoisie (2010, p. 27-28).

¹¹ Cecília Meirelles proferiu em 1956, no Rio de Janeiro, conferência sobre a “Expressão feminina da poesia na América”, mais tarde publicada em Meirelles (1959, p. 61-104). Para uma discussão sobre esse ensaio de Cecília Meirelles, ver Silva (2009 e 2019).

¹² Cf. Bordolli (2013, p. 33).



COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

Nesta seleção de 10 poemas de *La isla de los cánticos*,¹³ traduzi 2 sonetos em alexandrinos espanhóis (mantendo o esquema de dois hemistíquios de seis sílabas em português), 4 poemas em *octosílabos* (nossas redondilhas) e 4 decassilábicos (em que aparecem versos de outras medidas, normalmente hexassílabos).

Sem muita teorização por ora, devo dizer que busquei evocar a harmonia pomposa de algumas estrofes, o eco subjetivo de rimas em versos longos ou ligeiros e a melodia solitária dos ritmos desejosos da poesia de María Eugenia Vaz Ferreira. Sempre atento ao esquema métrico de cada verso, buscando emular a beleza polifônica do verso da poetacompositora de Montevidéu, sacrificiei algo da nossa prosódia; mesmo evitando decalques claros, tentei manter um tom vocabular luso-platino elevado; e busquei uma sintaxe que fosse clara no pensamento mas nublada em alguns meneios finos.

O maior sacrifício da prosódia a que me refiro é obrigar o leitor a fazer diversas sinéreses e algumas elisões. Por exemplo, das treze ocorrências do pronome “tua” nas traduções, em todas se lê como ditongo, tua, e não tu-a; o mesmo ocorre com o pronome “sua”. Nos versos de Vaz Ferreira desta seleção, semelhante fenômeno prosódico ocorre apenas no seguinte verso de *El ataúd flotante*:

Yo/ sé/ que/ tú e/res/ de e/sas
1 2 3 4 5 6

A renúncia da dicção mais escorreita terá sido para privilegiar escolhas lexicais e sintáticas que ajudam, sobremaneira, na manutenção do tom transcedente e do ritmo sensível da poesia de María Eugenia. Assim, *metri gratia*, leio com sinérese, em posição tônica: *preciosa* (v. 7, Ressurreição), *harmoniosos* (v. 16, Tua rosa...), *ciência* (v. 2, Holocausto), *misterioso* (v. 11, Voz...) e *voar* (v. 20, Único poema), e também, em posição pré-tônica: *flutuação* (v. 3, O esquife...), *piedosa* (v. 17, O esquife...) e *silenciarão* (v. 8, Holocausto).

¹³ Em Silva (2019), encontram-se traduzidos seis poemas de *La isla de los cánticos*: *Único poema* (Único poema), *Vaso furtivo* (Copo furtivo), *Barcarola de un escéptico* (Barcarola de um céptico), *Via Secreta* (Via Secreta), *Nocturno* (Noturno), e *Sólo tú* (Só você).



Busquei, junto a isso, manter na maioria das vezes a posição de palavras nos versos e as inversões sintáticas, elegantes, do verso em espanhol. Vez por outra isso não ocorreu perfeitamente, ou porque as palavras em português perturbariam o ritmo, ou porque a sintaxe alteraria o tom. Desses últimos casos, citaria, como exemplos, esses versos:

e o alento fresco de benditas chuvas,
y a la frescura de benignas lluvias,
(v. 19, *Resurrección*)

com matizadas lufas me bafejam
con irisadas ráfagas me orea
(v. 11, *El ataúd flotante*)

ergua a calada rama,
alce su quieta cima,
(v. 3, *Tu rosa y mi corazón*)

como pedras preciosas, do arco-íris
sob o grande reflexo fulgurantes.
como piedras preciosas, fulgurantes
del arco iris bajo el gran reflejo.
(v. 7-8, *Resurrección*)

Mantive as rimas o máximo que pude, no limite apenas de transformar algumas rimas soantes em toantes, o que pode visto no poema *Voz do retorno*, cujo primeiro esquema rítmico ABABBCCB foi transposto assim:

A	siquiera	sequer
B	vano	vão
A	quimera	quimera
B	mano	mão
B	temprano	chegando
C	espera	espera
C	Primavera	Primavera
B	humano	humano

Por fim, sem querer esgotar todos os possíveis comentários de tradução nem expor todas as minúcias versificatórias, encerro esse pequeno comentário com a trágica sensação do dever cumprido. Explico.

Esther de Cáceres, no prefácio da edição de 1956, de *La isla de los cánticos*, escreveu:

Em toda a obra de María Eugenia se pode perceber [...] este dom para criar uma linguagem poética, uma relação nova e profunda das palavras entre si; relação capaz de sugerir ricos



estados de alma no leitor e até capaz de sugerir aquela nostalgia que levou um autor de nossa época a definir a beleza como “o canto de uma privação”. (1956, p. XXII)

O autor a que se refere Cáceres é possivelmente o escritor holandês Pieter van der Meer de Walcheren (1880-1970), que teria dito que a beleza é “sempre trágica, porque é o canto de uma privação”.¹⁴

Nessa chave de leitura, referi-me a uma “trágica sensação do dever cumprido”, pois, no sacrifício da prosódia, na escolha de certas palavras, que sempre eliminam a escolha de outras, na recriação das relações entre palavras, a cada verso – sempre outras, sempre novas –, espero que algum canto de beleza, como reflexo da linguagem poética de María Eugenia Vaz Ferreira, tenha emergido do tanto que foi privado.

Dessa forma, como a própria poesia ressurrecta da poeta uruguaia, “quero juntar à sua boca sonorosa” a “névoa trágica” desta tradução, esperando que lhe tenha também fustigado “a poderosa frase / em meio às ondas diáfanas do verso”.

REFERÊNCIAS

- BORDOLLI, M. F. *Maria Eugenia Vaz Ferreira y la música: las invisibilidades múltiples*. In: ACHUGAR, H.; BORDOLLI, M. F. *María Eugenia Vaz Ferreira: me muestro siempre en mi obscuridad*. Montevideo: Udelar/IMPO, 2013. pp. 33-48.
- COSTA, F. J. y LOCKHART, W. *Vida y obra de María Eugenia Vaz Ferreira*. Montevideo: Academia Nacional de Letras, 1995.
- COURTOISE, R. *Antología: La poesía del siglo XX en Uruguay*. Edición de Rafael Courtoisie. Madrid: La Estafeta del Viento, 2010.
- LOZANO, M. *Los fractales: Mandalas en medio del cosmos*. Buenos Aires: [s.n.], 2008. Disponível em: <https://manuellozano.com.ar/notas/39.html>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- MARITAIN, J. Introduction. In: DE WALCHEREN, Pieter van der Meer. *The White Paradise*. New York: St. Mary's Hermitage, 1952.
- MEIRELES, C. Expressão feminina da poesia na América. In: BANDEIRA, M. et al. *Três conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1959. pp. 61-104.

¹⁴ Cf. MARITAIN (1952, p. 6) e LOZANO (2008).



PEYRON, R. María Eugenia Vaz Ferreira: su paso en la soledad. In: BORGES, A. et al. *Mujeres uruguayas*: el lado femenino de nuestra historia. 4. ed. Montevideo: Santillana, 1998. pp. 194-221.

SILVA, J. S. da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3vj9m/pdf/silva-9788579830327.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SILVA, J. S. da. María Eugenia Vaz Ferreira: entre ilhas e cânticos. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 21, p. 15-25, 2019.

VAZ FERREIRA, María Eugenia. *La isla de los cánticos*. Prólogo de Esther de Cáceres. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1956. (Colección de los Clásicos uruguayos, 20). Disponível em: https://ia600508.us.archive.org/23/items/LaIslaDeLosCanticos/La_isla_de_los_canticos_1956.pdf. Acesso em: 25 ago. 2019.

VAZ FERREIRA, María Eugenia. *La isla de los cánticos*. Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1968.

Biografia do tradutor

Beethoven Barreto Alvarez é professor adjunto de Língua e Literatura Latina, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua na Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PosLing/UFF), na Linha 2: Teorias do Texto, do Discurso e da Tradução. Possui Doutorado em Linguística (na área de Estudos Clássicos) pela Unicamp, com período sanduíche na University of Oxford (Corpus Christi College). Possui Mestrado em Letras Clássicas pela UFRJ e Graduação em Letras (Port/Latim) pela UERJ.